

AMIZADES INTOCÁVEIS.

Elaine Torres Pereira dos Santos



INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade demonstrar a importância cada vez maior da amizade no complexo mundo pós-moderno.

Para tanto, foi necessário recorrer à opinião dos principais pensadores sobre o tema ao longo da história da Filosofia. São eles: Aristóteles e Montaigne, os quais dedicam ensaios especiais de suas obras para explicar esse sentimento humano.

Além dos filósofos, foram apontadas as teorias de um sociólogo contemporâneo, Zygmunt Bauman, para avaliar a dimensão real da sociedade em que vivemos: estabelecendo as causas que nos trouxeram a esse momento e para onde devemos caminhar.

No entanto, visando ilustrar o cenário desta leitura, de modo sublime e emocionante, tais quais são as características de uma grande amizade, foi utilizada uma aclamada obra dos cinemas, baseada numa história real: o filme francês, Intocáveis.

I.A IMPORTÂNCIA DA AMIZADE PARA AMENIZAR AS DORES HUMANAS

O sofisticado sentimento da amizade é tema de reflexão de grandes pensadores no decorrer da história. Muitos deles a apresentam como a verdadeira cura para os males humanos, devido ao aspecto harmonioso que pode proporcionar à interação social. Nesse sentido, pergunta-se, nos dias de hoje, como podemos definir o efeito curativo da amizade? Qual a relação desse sentimento com o progresso da vida em comunidade e com o avanço particular de seus indivíduos? Quais empecilhos a sociedade contemporânea deve enfrentar para estabelecer de fato relações mútuas de respeito que findem em uniões gratificantes de amizade?

Quando buscamos as relações de amizade atendemos o nosso próprio instinto, que visa a sensação agradável de paz e bem-estar realizada ao nos sentirmos parte integrante de uma associação com pessoas afins. O filósofo francês Michel de Montaigne em seus **Ensaio**s, ao qual dedica um capítulo especial ao tema, justifica tal afirmação como um aparente interesse muito particular da nossa natureza em nos impulsionar em direção à amizade, pois, através dela, exercemos nossa necessidade por interação social. Vale lembrarmos que tal ensaio foi escrito em momento de grande pesar pela morte de seu melhor amigo, Etienne de lá Boétie, por quem manteve uma relação “tão inteira e completa” que o faz duvidar que seja possível encontrar homem igual entre os outros de seu tempo, talvez nem em séculos (MONTAIGNE: 1972, p. 178). Montaigne define tal amizade como fundida e entrosada em uma única alma, tão unida que não se distingue, sequer é possível encontrar sua linha de demarcação. Em suas palavras:

Se insistirem para que eu diga por que o amava, sinto que não o saberia expressar senão respondendo: porque era ele; porque era eu (MONTAIGNE: 1972, p. 182).

O importante filósofo grego, Aristóteles, antecede Montaigne ao falar de amizade num dos textos mais importantes sobre o tema presente na obra *Ética a Nicômaco*. O início do capítulo explica a natureza desse sentimento como uma forma de excelência moral, ou acompanhado da excelência moral, além de necessário para a vida. Segundo ele, “ninguém deseja viver sem amigos”, justamente pelo caráter nobilitante da amizade, “pois com amigos as pessoas são mais capazes de pensar e de agir” (ARISTÓTELES: 1985, p. 153), o que corrobora com a constatação do importante fator positivo psicológico que podemos vivenciar através da amizade.

Montaigne faz questão de salientar o caráter qualitativo da amizade. Ela não se encontra nas relações às quais se busca as satisfações de prazeres, o usufruto de vantagens ou a conquista de interesses públicos e privados, classificando aquelas desse tipo como menos belas e menos generosas, por visarem fins não ideais (MONTAIGNE: 1972, p. 178).

Ao analisarmos sociologicamente o ponto em que nos encontramos na linha do tempo histórico, nos deparamos com “a forte tendência a sentir medo e uma obsessão maníaca por segurança”, frisa o sociólogo polonês, Zigmunt Bauman, em seu livro “Confiança e medo na cidade”. Segundo ele, se não podemos nos livrar de todos os sofrimentos humanos – inclusive o próprio medo de sofrer e o medo em si – podemos, contudo, eliminar alguns e atenuar outros e sempre vale a pena tentar (BAUMAN: 2009, p. 13-14).

Para Bauman, os fatores que resultam na angústia de nossa sociedade são resultados da miséria de origem social, que divide os sujeitos em classes cada vez mais antagônicas, determinando que a desconfiança seja difundida em escala geral. Esse cenário, onde a proteção disponível não é capaz de suprir nossas mínimas expectativas, redundando em relações que não são aquelas que gostaríamos de desenvolver, pois o clima que paira no ar induz a imaginarmos “maquinações hostis, complôs, conspirações de um inimigo que se encontra em nossa porta ou embaixo da nossa cama” (BAUMAN: 2009, p. 15).

Tais características do mundo novo são obstáculos para o estabelecimento da amizade, pois ela pressupõe tempo e intimidade e seu surgimento de fato necessita da recíproca confiança entre as pessoas, da sensação de que uma não fará mal a outra (ARISTÓTELES: 1985, p. 156-157).

Argumenta Montaigne, da mesma forma, que a amizade cresce com o desejo que temos dela e se desenvolve na frequência, haja vista que é essência da espiritualidade e praticá-la apura a alma (MONTAIGNE: 1972, p. 180).

Ao contrário, no ambiente de suspeição dos outros e de suas intenções, nos recusamos a confiar (ou não somos capazes de fazê-lo) na constância e na regularidade da solidariedade humana (BAUMAN: 2009, p.16), qualidade que fundamenta a amizade, segundo Aristóteles, pois as pessoas com “boa vontade recíproca se desejam bem reciprocamente” (ARISTÓTELES: 1985, p. 155).

Sobre o resultado prático da amizade na esfera social, distante de nosso tempo, Aristóteles compartilha própria experiência explicando que, ao viajarmos para outros lugares, é possível observar a prevalência de uma generalizada afinidade e afeições naturais entre as pessoas. Continua, frisando a aparente função das amizades em manter as cidades unidas, o que justifica a atitude dos legisladores em assegurá-la mais que tudo – até em detrimento da

justiça - por sua capacidade de gerar a concórdia (ARISTÓTELES: 1985, p. 153).

Assim sendo, a amizade interfere de forma preponderante nas relações que desenvolvemos na sociedade e para a nossa qualidade de vida, tendo em vista que todas as espécies de associações constituem a comunidade política, onde os homens caminham juntos em busca de vantagens ou mesmo por sobrevivência. Assim, os legisladores qualificam tais associações de justas por serem reciprocamente vantajosas e por contribuírem para o rumo positivo de tais comunidades (ARISTÓTELES: 1985, p. 164).

A atual sociedade caminha por esse estado de coisas negativas devido ao individualismo moderno, solução encontrada contra seus males. Ela substitui a integração das comunidades solidamente unidas por muros de segurança que as segregam, pelo dever individual de cuidar de si próprio e de fazer por si mesmo, que consiste na supervalorização do indivíduo. Quando isso ocorre, a competição assume o lugar da solidariedade, pois os indivíduos se sentem abandonados a si mesmos e acabam preterindo os “laços naturais” a favor dos “laços superficiais” da modernidade líquida, marcada pela dissolução das relações entre os sujeitos (BAUMAN: 2009, p. 16-21).

Se o que prevalece na sociedade líquida, acima de tudo, é o cuidar de si, vivemos um momento propício para as amizades acidentais, definidas por Aristóteles como sendo aquelas fundadas no interesse em tirar algum proveito ou prazer:

Tais amizades se desfazem facilmente, se as pessoas não permanecem como eram inicialmente, pois se uma delas já não é agradável ou útil a outra cessa de amá-la. E a utilidade não é uma qualidade permanente, mas está sempre mudando. Portanto, desaparecido o motivo da amizade esta se desfaz uma vez que ela existe somente como um meio para chegar ao fim (ARISTÓTELES: 1985, p. 155).

Aristóteles define que a amizade perfeita é a que existe “entre as pessoas boas e semelhantes em termos de excelência moral”. Nessa relação cada uma delas quer o bem da outra de forma idêntica, “porque a outra pessoa é boa, e ambas são boas em si mesmas”, ou seja, querem bem pela própria natureza dos amigos, não por mero acidente. Nesse caso, a utilidade e a agradabilidade recíprocas estão presentes na amizade, devido à bondade irrestrita na união. Assim, as pessoas extremamente felizes não necessitam de amigos úteis, mas agradáveis. Necessitam da convivência para suportarem tudo aquilo que causa sofrimento, pois não conseguiriam resistir por muito tempo às agruras da vida solitária (ARISTÓTELES: 1985, p. 156-160).

Efetivamente, o que há de mais característico nas amizades é o desejo dos amigos em viverem juntos e as pessoas necessitadas desejam a ajuda dos amigos e até as mais prósperas desejam estar acompanhadas, mas coadunam

seus caminhos se forem mutuamente agradáveis e se possuírem afinidades de gostos e caráter (ARISTÓTELES: 1985, p. 158).

As pessoas, ao gostarem de seus amigos, gostam do que é bom para si mesmas, pois as pessoas boas, quando tornam-se amigas, tornam-se um verdadeiro bem para seus amigos e somente este tipo de amizade é “imune à calúnia”, pois é difícil que se dê crédito a qualquer um que fale sobre um amigo que foi colocado à prova diversas vezes durante a construção desse sentimento. O aparecimento de suspeitas só é possível noutros tipos de amizade (ARISTÓTELES: 1985, p.157-159).

Para Montaigne, nas amizades comuns, sempre há que se “segurar as rédeas” e ter prudência, pois não apresentam solidez suficiente para serem dignas de confiança (MONTAIGNE: 1972, p. 184).

Até as pessoas desiguais podem ser amigas, segundo Aristóteles. A “igualdade e semelhança” entre os amigos que possuem excelência moral podem ser construídas se mantiverem constância recíproca e não se prestarem a serviços degradantes. Nesse caso, um afasta o outro do mal, pois têm cuidado para não errar e para que o amigo também não erre, o que são características das pessoas boas. No entanto, se forem “moralmente deficientes”, compartilharão de amizade efêmera e diferente de si mesmas (ARISTÓTELES: 1985, p. 162-163).

Quando um amigo é beneficiado “a respeito de riqueza ou excelência moral”, espera-se que contribua com todas as honrarias que puder, pois a amizade exige que os amigos façam tudo que possam um pelo outro e não somente aquilo que devem (ARISTÓTELES: 1985, p. 171).

Bauman relembra de uma passagem da vida de estudante que o marcou muito, quando um professor de antropologia dizia que os antropólogos conseguiram identificar a aurora da sociedade humana graças à descoberta de um esqueleto fóssil de uma criatura humanóide inválida que tinha a perna quebrada desde a infância, apesar de ter morrido por volta dos 30 anos. A conclusão de seu professor foi que aquela deveria ser uma sociedade humana, pois em meio a um bando de animais não seria possível que a criatura pudesse sobreviver tanto tempo com uma perna quebrada. O sociólogo constata que a sociedade humana é diferente do bando de animais. Nela, alguém pode ajudar um inválido a sobreviver. Ela é diversa porque tem condições de conviver com inválidos – tanto que poderíamos dizer, historicamente, que a sociedade humana nasceu com a compaixão e preocupada com o cuidar do outro, qualidades apenas humanas e presentes nas relações de amizade. A preocupação contemporânea se faz toda aí, devemos levar essa compaixão à esfera planetária, algo já enfrentado por outras gerações. Nosso dever é prosseguir nesse caminho, gostemos ou não (BAUMAN: 2009, p. 90).

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

II POR UMA AMIZADE INTOCÁVEL

As cidades globais entraram numa nova fase histórica, inaugurada no fim do século XX. Essas áreas são epicentros e observatórios importantes das transformações no mundo atual (BAUMAN: 2009, p. 7).

Bauman explica que tais transformações nascem dos efeitos produzidos por um duplo movimento: de um lado, identifica que nas grandes áreas urbanas se concentram as funções mais avançadas do capitalismo, que tem se acomodado segundo uma lógica de rede, cujos núcleos estruturais são justamente os centros globais. Por outro lado, avalia que as cidades tornam-se objeto de novos e intensos fluxos de população e de uma profunda redistribuição de renda, tanto nos bairros nobres, com a formação de uma elite global móvel e altamente profissionalizada, quanto nos bairros populares, com a ampliação dos cinturões periféricos, onde se junta uma enorme quantidade de populações deserdadas (BAUMAN: 2009, p. 8).

É evidente o efeito desse duplo movimento no cotidiano de quem mora na cidade contemporânea: enquanto os bairros centrais são valorizados e recebem grandes investimentos urbanísticos, outras áreas são corroídas pela degradação e tornam-se marginais. Quem possui recursos econômicos ou tem condições de deslocar-se tenta se defender criando verdadeiros enclaves, nos quais a proteção é garantida por empresas privadas de segurança, ou transferindo-se para áreas mais tranquilas e nobres. Os mais pobres (ou seja, aqueles que são obrigados a permanecer onde estão) são forçados, ao contrário, a suportar as consequências mais negativas das mudanças. Isso só pode gerar um crescente e difuso sentimento de medo. (BAUMAN: 2009, p. 9).

Segundo Bauman, a cidade socialdemocrata que se afirmou no segundo pós-guerra torna-se ameaçada em suas fundações, pois o tecido social é submetido a intensas pressões que produzem uma verticalização crescente: os ricos tendem a se tornar ainda mais ricos, desfrutando as oportunidades disponibilizadas pela ampliação dos mercados, enquanto os mais pobres afundam na miséria, destituídos de sistemas de proteção social (BAUMAN: 2009, p. 8).

Em uma dessas cidades, Paris, em 2011, foi gravado o filme Intocáveis, segunda maior bilheteria de todos os tempos na França, perdendo somente para “O fabuloso destino de Amélie Poulain”, uma comédia gravada em 2001.

Lançado em novembro de 2001, o longa foi assistido por mais de 20 milhões de espectadores tendo arrecadado US\$ 360mi. Ainda foi indicado em nove categorias ao César, o Oscar francês, tornando-se o filme francês mais assistido pelo resto do mundo.

Muito desse sucesso se deve ao debate político que se sucedeu após a estreia nos cinemas franceses.

No França, ocorreram levantes violentos dos imigrantes africanos nas periferias devido à falta de emprego e perspectivas. As revoltas aconteceram durante o governo do ex-presidente Nicolas Sarkozy, que empunhou, sem receios, na sua tentativa de reeleição, a bandeira da xenofobia, tentando impor limites à integração dos grupos sociais, dividindo o país e espalhando o medo e a desconfiança entre seu povo.

O ex-governante, com tal discurso, quis dar legitimidade à propagação do preconceito e à dissolução das relações, visando fins econômicos, que considerava mais justos. Demonstrou total desconhecimento da importância de manter a concórdia entre seu povo e das vantagens recíprocas que as alianças entre as pessoas podem propiciar para o rumo positivo da nação. Posteriormente veio a perder as eleições.

Para Bauman, se os seres humanos aceitam e apreciam seus pares e se empenham no diálogo, logo veremos que as diferenças culturais deixarão de ser um problema. É possível ser diferente e viver junto. Pode-se aprender a arte de viver com a diferença, respeitando-a, salvaguardando a diversidade de um e aceitando a diversidade do outro (BAUMAN: 2009, p. 89).

O filme não faz nem intenciona desempenhar o papel do sociólogo e apontar causas e soluções para uma sociedade segregada entre ricos e pobres, mas retratar a relação humana de amizade entre os dois extremos através dos principais personagens, caminhando sobre os temas que envolvem a sociedade pós-moderna, com a visão generosa e inteligente dos diretores e roteiristas Éric Toledano e Olivier Nakache.

Bauman aponta que a solução para esse tipo de determinismo social está na capacidade dos atores sociais exercitarem até o fim sua capacidade de ação modificando o curso dos acontecimentos a partir de novos investimentos nas relações e nos vínculos, entendidos por ele como elementos essenciais na construção de um novo capital social (BAUMAN: 2009, p. 12). Esse é o cenário que veremos em *Intocáveis*.

A comédia dramática é baseada na história real do milionário Philippe *Pozzo di Borgo*, diretor da indústria de *Champagne Pommery*, herdeiro de duas famílias riquíssimas. Homem dinâmico, fã de música clássica, vinhos e aventuras que, aos 42 anos, sofre um acidente de parapente que o deixa tetraplégico.

Ao mesmo tempo, descobre que sua mulher, Beatrice, está condenada ao câncer. Ela viria a morrer três anos depois, afundando Philippe numa profunda depressão, já abalado pela própria impotência de não ter mais controle de seus movimentos. Ele escolhe, então, o isolamento em sua mansão em Paris.

Devido à sua condição, acaba se tornando necessária a contratação de um cuidador. Philippe, vivido pelo ator Francois Cluzet, propõe-se a entrevistar vários profissionais.

Diante de tantos candidatos qualificados surge Abdel Yasmin Sellou, o escolhido. Trata-se de um argelino (imigrante africano de ex-colônia francesa) dono de uma extrema rebeldia desde a infância, problemático, ex-líder de gangue e batedor de carteiras em liberdade condicional. Porém, apesar de nenhum treinamento profissional para desempenhar a função, mostrou-se inteligente, dinâmico, irreverente e forte, o que cativa o futuro patrão. Driss é o nome de seu personagem no longa, vivido pelo ator Osmar Cy, ganhador do Cesar de melhor ator em 2012 por sua brilhante atuação.

Contado em flashback, o filme começa sem a linearidade cronológica dos fatos, mas com uma situação inusitada: Driss dirigindo um luxuoso Maserati Quattroporte, com seu chefe, em alta velocidade, são perseguidos pela polícia nas ruas de Paris. Quando abordados pelos homens da lei, Driss, espertamente, afirma que precisa levar seu patrão urgentemente ao pronto-socorro, pois ele está sendo vítima de um acidente vascular cerebral. A sintonia entre os dois é tão grande, que Philippe capta a mensagem e começa a fingir convulsões. Comovidos, os policiais imediatamente decidem não somente liberá-los, como escoltá-los pela cidade até o hospital.

A partir daí a história passa a ser contada com o personagem Driss buscando uma vaga de emprego, mas sequer ambicionando ser contratado, devido à sua condição de liberdade condicional. Busca apenas que assinem um documento informando que ele foi entrevistado e rejeitado, para continuar recebendo benefícios sociais do governo. É só o que deseja, pois sabendo de sua situação social, não imagina que será contratado pelo milionário.

Durante a entrevista, não perde a oportunidade de galantear a assistente de Philippe, demonstrando mais uma das práticas usuais de seu repertório descontraído. Além disso, sem pudor algum, faz piadas sobre o tetraplégico, seus gostos musicais e furta sorratamente um ovo Fabergé .

Antes de ir embora, no entanto, avisa ao futuro chefe e Magalie que voltará na manhã seguinte para buscar o papel assinado. Quando Driss se retira, os olhos de Philippe brilham com a certeza de ter encontrado quem iria guiar seus passos dali em diante.

O africano segue para o subúrbio, caminhando entre os apartamentos lotados de crianças, ao som de rap, para rever sua mãe. A encontra extremamente irritada com seu sumiço por 6 meses – quando esteve preso –, então o ordena a sair de seu pequeno apartamento, que divide com outros irmãos de Driss, e não mais voltar.

Na manhã seguinte, ao retornar à casa do milionário, Driss descobre que passará por um período de experiência. Recebe, então, informações sobre a nova função e se conscientiza da deficiência de Philippe, inclusive de que ele sofre de ataques regulares de dores psicossomáticas, que diminuirão gradualmente com a chegada do novo amigo. Essa melhora reforça o caráter

nobilitante da amizade (ARISTÓTELES: 1985, p. 153) e sua importância para o ser humano sob o aspecto psicológico.

Em seguida, é levado ao seu novo quarto, absolutamente luxuoso, incomparável com sua antiga habitação pública. Não há como se negar a assumir aquele cargo.

Um amigo de Philippe o alerta sobre a ficha criminal de Driss, que inclui seis meses de prisão por roubo, mas o milionário afirma não preocupar-se com o passado de seu cuidador, por ele ser o único que o respeita de fato ao não tratá-lo com piedade por sua deficiência. Informa que não irá demiti-lo, enquanto a função for desempenhada corretamente.

Sua atitude demonstra a ausência do medo e de suspeição das intenções do outro, preferindo manter o vínculo com Driss (BAUMAN: 2009, p. 16), investindo, agora, na riqueza que ele julga maior do que a material, que já possui. Empenha total confiança na nova relação, pois sente que um não fará mal ao outro devido à boa vontade recíproca que existe entre os dois (ARISTÓTELES: 1985, p. 156-157).

Assim, começa uma grande amizade, que irá superar as diferenças, transformando-as em momentos enriquecedores e complementares para ambos.

Os dois novos amigos confidenciam suas histórias. Philippe conta como a aventura de parapente o deixou tetraplégico, sobre a morte de sua mulher que não lhe deixou filhos naturais, apenas uma rebelde filha adotiva, Elisa, que ele acabou por não dar muita atenção, devido à escolha por seu isolamento.

Gradualmente, Driss passará a não desempenhar somente a função para o qual foi contratado, mas também colocará ordem na vida privada do patrão, começando por instruir Philippe a ser mais rígido com sua filha, para que ela não fique tão mimada.

Apesar de parecer 'inimigo' inicialmente, Driss ganhará o respeito de Elisa, principalmente após ele saber que um rapaz por quem ela estava apaixonada, na verdade, queria apenas enganá-la por algumas noites. O cuidador, agora de toda a família, vai à casa desse rapaz e lhe dá um belo susto, o fazendo humildemente dirigir-se à jovem com um pedido autêntico de desculpas, não apenas uma vez, mas várias.

Enquanto isso, o milionário o faz descobrir a arte moderna, a ópera e até mesmo a pintura, que vai aventurar-se por não se conformar que quadros tão 'mal' pintados, segundo ele, valham tantos milhões. Nessa ocasião, decidirá fazer uma pintura e entregar a Philippe, que, como colecionador e negociador de artes, acaba vendendo por mais de 10 mil euros como sendo a obra de um jovem promissor no mundo da pintura.

Para o aniversário de Philippe, um concerto privado de música clássica é realizado em sua sala de estar. No começo, muito entediante para Driss, até que Philippe o ensina a ouvir mais atentamente a música, fazendo o cuidador lembrar-se de muitas delas e a cantá-las como lhe vinham à memória. A festa acaba descambando para um show de dança protagonizado por Driss, que encanta tanto Philippe, que naquele momento a sintonia de que um toma-se pelo outro é evidente. Como se Philippe pudesse finalmente voltar a dançar imaginando-se no corpo de Driss. Fica nítido nesse momento que tal amizade foi “fundida e entrosada em uma única alma” (MONTAIGNE: 1972, p. 182).

O novo motivo de inquietação para Driss acontece quando descobre que Philippe tem um relacionamento epistolar com uma mulher chamada Eléonore, com quem troca poemas. Passa então a encorajá-lo a encontrá-la, mas Philippe reluta, preferindo manter uma relação intelectual à distância, por temer a reação dela quando descobrir sua deficiência. Porém, dá um primeiro passo: aceitar falar com ela ao telefone.

Entusiasmado, Philippe concorda que uma foto sua em cadeira de rodas seja enviada para Eléonore, mas, na última hora, sem que Driss saiba, opta por enviar uma foto de como era antes do acidente.

Um encontro é marcado entre os dois, mas, Philippe, sabendo da farsa da foto, acaba ficando muito assustado com um pequeno atraso da moça e, sentindo-se rejeitado, até ridículo, acaba colocando tudo a perder indo embora antes dela chegar.

Depois disso, o milionário desiste da ideia de melhorar sua vida amorosa e decide curtir a vida com seu novo amigo. Leva Driss, que mostra-se medroso, para viajar em seu jatinho particular para um fim de semana de aventuras de parapente. No caminho, Philippe entrega o cheque Driss, pagamento pela venda de sua ‘obra-prima’.

A união será interrompida pelo irmão mais jovem de Driss que está com problemas com uma gangue do subúrbio onde mora e refugia-se na casa de Philippe. Driss não acha correto que o irmão faça moradia na casa do milionário e decide passar um tempo no subúrbio para ajudá-lo. Porém, antes de partir, recupera o ovo Fabergé e devolve ao seu lugar.

Philippe reconhece a necessidade de Driss em ser solidário à sua família, que muitas vezes negligenciou por sua rebeldia, e o libera do trabalho sugerindo penosamente que ele não pode empurrar uma cadeira de rodas para o resto da vida.

Driss retorna ao subúrbio, juntando-se com seus amigos e consegue ajudar o irmão mais novo. Muito mais confiante com seus novos dotes culturais e sua carta de recomendações, busca emprego numa empresa de transportes e é contratado.

Enquanto isso, Philippe sofre com os cuidadores que são chamados para substituir seu amigo, sentindo-se cada dia mais infeliz e irritado com a presença de cada um deles. Começa a ser tomado pela depressão novamente e perde o gosto por cuidar de si mesmo. Tem a consciência de que, além do cuidador, perdeu também a alegria de viver na ruptura da relação “tão inteira e completa” (MONTAINE: 1972; p. 182) que ambos construíram.

Um dos funcionários do milionário preocupa-se com sua atual condição e decide procurar Driss, que o atende prontamente.

Philippe sente-se radiante com a presença do amigo, que o ajudava a suportar seu sofrimento e o fazia resistir às agruras de sua condição (ARISTÓTELES: 1985, p. 156-160).

Não se tratava de uma amizade accidental, definida por Aristóteles (1985: p. 155) como fundadas em interesses, mas de uma amizade perfeita, onde ambos são bons, possuem excelência moral e querem o bem reciprocamente um do outro. Por isso não cessaram de amar-se.

A primeira atitude de Driss foi passear com o amigo pelas ruas parisienses, em alta velocidade, a bordo do Maserati do milionário. Segue-se então o retorno ao ponto de partida do filme, quando ambos são perseguidos pela polícia. Entretanto agora é possível saber a continuidade da cena.

Depois de disfarçar que entra no hospital para os policiais enganados que estão a escoltá-los, Driss leva o patrão à beira-mar. Passa então a cobri-lo dos antigos cuidados: faz sua barba, o veste elegantemente e o leva a um restaurante com uma bela vista para o oceano.

De repente, Driss se levanta e deseja boa sorte ao milionário, deixando-o, sem explicações. Em alguns instantes, chega Eléonore. Emocionalmente tocado com aquela atitude inesperada do amigo, Philippe olha pela janela e lá fora vê Driss sorrindo para ele. O amigo acena em despedida e vai embora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos foram os temas tratados no filme Intocáveis que trazem em sua gênese o caráter existencialista. Reflete sobre as relações humanas no cotidiano frente a um mundo repleto de barbáries sem justificativas.

As fragilidades do ser humano são mostradas com brilhantismo pelos roteiristas, sem transformar o filme num drama entediante, como poderia ser diante dos assuntos que foram tratados.

Houve o cuidado de passar pelo sofrimento da transição da deficiência física, quando um homem, marcado por seu dinamismo, perde os movimentos, tornando-se dependente dos outros e vítima da compaixão, a qual quer evitar a todo custo, preferindo o isolamento.

Aborda a perda de entes queridos, seja ela por morte ou abandono; a importância da presença dos pais, e não do dinheiro, na educação dos jovens; a solidão e o silêncio desoladores das vidas abandonadas e impotentes, sejam pela deficiência física ou social.

Mas o longa fala principalmente da riqueza da amizade, da importância em ter amigos para dar significado à existência e redescobrir a própria vida através do outro.

Notas:

1. Vale ressaltar que os roteiristas optaram por transformar o árabe da vida real, Abdel, em imigrante africano, para que fosse retratado de forma mais realística o momento político vivido pelos franceses.
2. Os ovos Fabergé são objetos preciosos criados pelo joalheiro Peter Carl Fabergé e seus assistentes, no período de 1885 a 1917, para os czares da Rússia. Os ovos, cuidadosamente elaborados com uma combinação de esmalte, metais e pedras preciosas, escondiam surpresas e miniaturas, encomendados e oferecidos na Páscoa entre os membros da família imperial. Disputados por colecionadores em todo o mundo, os famosos ovos de Páscoa criados pelo joalheiro russo são admirados pela perfeição e considerados obras-primas da arte do joalheiro.
3. Os letreiros finais do filme indicarão o destino de cada um.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Brasília: Editora UnB, 1985.

BAUMAN, Z. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2009.

MONTAIGNE, de M. "Da Amizade" in *Ensaio (Coleção Pensadores)*. São Paulo: Ed. Abril, 1972.

Os Intocáveis. Direção: Dirigido por Eric Toledano, Olivier Nakache. 2011. França. Com François Cluzet, Omar Sy, Anne Le Ny.

